



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

SOLENE DOS SANTOS NASCIMENTO

**UM ESTUDO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-DISCURSIVO A PARTIR DO
PRONOME INDEFINIDO *TODO/S***

**CAMPINA GRANDE
2024**

SOLENE DOS SANTOS NASCIMENTO

**UM ESTUDO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-DISCURSIVO A PARTIR DO
PRONOME INDEFINIDO TODO/S**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao curso de Graduação em Letras
Português, da Universidade Estadual da Paraíba,
com requisito parcial para à obtenção do título
de graduada em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244u Nascimento, Solene dos Santos.
Um estudo morfossintático e semântico-discursivo a partir do pronome indefinido todo/s [manuscrito] / Solene dos Santos Nascimento. - 2024.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nobrega, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Português brasileiro. 2. Gênero. 3. Pronome indefinido.
4. Gramática. I. Título

21. ed. CDD 469



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

FOLHA DE APROVAÇÃO

SOLENE DOS SANTOS NASCIMENTO

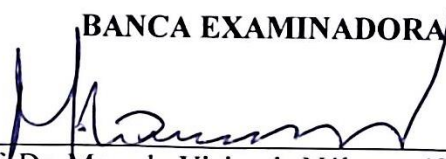
UM ESTUDO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-DISCURSIVO A PARTIR DO
PRONOME INDEFINIDO TODO/S

Trabalho de Conclusão de Curso em
Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduada
em Licenciatura Plena em Língua
Portuguesa.

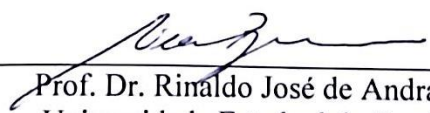
Área de concentração: Linguagens

Aprovado em: 27/06/2024.

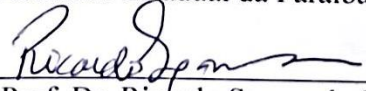
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha família e a todos que fizeram parte dessa caminhada.

[...] É porque a língua muda com o tempo, segue seu curso, transforma-se. Afinal, se não fosse desse modo, ainda estaríamos falando latim... Na verdade, falamos latim, um latim que sofreu tantas transformações que deixou de ser latim e passou a ser português. (BAGNO, 1999, p. 98)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	ORIGEM HISTÓRICA DO GÊNERO EM LATIM	11
2.1	O gênero das palavras em latim	13
3	TODOS: RELAÇÕES DE SENTIDO	15
3.1	O indefinido todos para a gramática normativa	15
3.2	Forma e significado: Uma análise do pronome indefinido <i>todos</i> à luz das gramáticas descritivas e funcionalistas	16
3.3	Emprego do pronome indefinido todos na gramática de usos de Neves	20
4	POSSIBILIDADES DA INSERÇÃO DE UM NOVO GÊNERO NA ESTRUTURA E USOS DA LÍNGUA	22
4.1	O gênero para a linguística	22
4.2	A língua é mutável	22
5	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS	25

UM ESTUDO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-DISCURSIVO A PARTIR DO PRONOME INDEFINIDO TODO/S

Solene dos Santos Nascimento¹

RESUMO

A Língua Portuguesa, assim como qualquer outra língua, passa por mudanças ao longo do tempo e de acordo com as necessidades dos falantes. Atualmente muito se discute sobre uma inserção de uma linguagem neutra no Português Brasileiro, visando incluir pessoas que não se identificam com a binariedade de gênero (masculino e feminino). O uso do pronome indefinido *todes*, enquanto variante *todos/as*, é um dos muitos usos, visto que se propõe a negar o caráter de genericidade, neutralidade e/ou indefinição típico de *todos*. Assim, esta pesquisa, de natureza bibliográfica, objetiva investigar: a) a visão das diferentes perspectivas gramaticais acerca do uso do pronome indefinido *todos/as*; b) verificar o gênero neutro no latim, bem como suas repercussões no Português Brasileiro; e c) Analisar por que o Português Brasileiro não usa o gênero neutro e as possibilidade de inserção na língua. A abordagem teórica contou com os estudos, no Latim, de Garcia (2000), Coutinho (1970) e Cardoso (2003). Utilizamos, ademais, as perspectivas das gramáticas normativas de Rocha Lima (1999) e Said Ali (1965), além da gramática descritiva de Mário Perini (2007, 2016), Bechara (1999), Macambira (1997), bem como da visão gramatical funcionalista de Matoso Câmara Júnior (2000, 2007), Neves (2000, 2013) e Margarida Basílio (2004, 2008), além de fontes secundárias. Os resultados obtidos apontam para uma dedução basilar: a dinâmica dos falares de uma língua – decorrentes de questões de múltiplas naturezas: políticas, culturais, econômicas, religiosas, linguísticas etc – sempre está à frente dos registros escritos e formatados em gramáticas. Portanto, tal dinâmica reflete-se numa aquarela de falares e escreveres livres e soberanos para os quais nem sempre os registros escritos os acompanham. O uso de *todes*, por exemplo, muito mais em situações de oralidade, pode se apresentar como um fato linguístico episódico, não obstante de busca de legitimação e/ou visibilidade de determinados grupos sociais, do ponto de vista da justificação, em termos de base teórica, sem precedentes e com caráter de ineditismo, em especial quando se trata de pronomes.

Palavras-Chave: Português Brasileiro; gênero; pronome indefinido *todo/as*.

ABSTRACT

The Portuguese language, like any other language, changes over time and according to the needs of the speakers. Currently, there is much discussion about inserting a neutral language into Brazilian Portuguese, with the aim of including people who do not identify with the gender binary (male and female). The use of the indefinite pronoun *todes*, as a variant of *todos/as*, is one of many uses, as it aims to deny the generic, neutral and/or indefinite character typical of *todos*. Thus, this bibliographical research aims to investigate: a) the view of different grammatical perspectives on the use of the indefinite pronoun *todos/as*; b) verify the origin of the neuter gender in Latin, as well as its repercussions in Brazilian Portuguese; and c) Analyze why Brazilian Portuguese doesn't use the neuter gender and the possibilities for inserting it into the language. The theoretical approach relied on studies in Latin by Garcia (2000), Coutinho (1970) and Cardoso (2003). We also used the perspectives of the normative grammars of Rocha Lima (1999) and Said Ali (1965), as well as the descriptive grammar of

¹ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB. Email: solenesantos02@gmail.com

Mário Perini (2007, 2016), Bechara (1999), Macambira (1997), as well as the functionalist grammatical view of Matoso Câmara Júnior (2000, 2007), Neves (2000, 2013) and Margarida Basílio (2004, 2008), in addition to other secondary sources. The results obtained point to a basic deduction: the dynamics of the speech of a language - resulting from issues of multiple natures: political, cultural, economic, religious, linguistic, etc - is always ahead of the written records formatted in grammars. Therefore, this dynamic is reflected in a watercolor of free and sovereign utterances and writings for which written records do not always accompany them. The use of *todes*, for example, much more in oral situations, can be presented as an episodic linguistic fact, notwithstanding the search for legitimization and/or visibility of certain social groups, from the point of view of justification, in terms of theoretical basis, unprecedented and unprecedented, especially when it comes to pronouns.

Keywords: Brazilian Portuguese; gender; indefinite pronoun all/as.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho decorre de discussões atuais na mídia e redes sociais sobre a inserção de uma linguagem inclusiva. Com a expansão tecnológica e a luta por direitos iguais, alguns grupos sociais, que não se enquadram no gênero² masculino e feminino, sentem-se excluídos ou invisibilizados socialmente, uma vez que a marcação de gênero utilizada pelas gramáticas é apenas masculina e feminina. Assim, esses grupos passaram a reivindicar por uma linguagem que os inclua. Diversas tentativas de formas para marcar o gênero neutro foram propostas até hoje, dentre elas o uso do @, x, e agora o “e”. Com isso, linguistas, feministas, ativistas, entre outros passaram a refletir sobre relações de sentido ligadas principalmente aos pronomes. Considerando-se que muitas das polêmicas que envolvem o assunto têm como principal foco de discussão o uso do pronome indefinido *todos*, buscando justificar que este pronome com marcação de gênero masculino é uma questão sexista da língua, fixado estruturalmente por questões sócio-históricas, políticas e culturais. Outros, com efeito, defendem sua “neutralidade” com base na origem da palavra em latim, afirmando que esses vocábulos coincidem com o masculino e, por isso, na evolução desta língua passaram a pertencer ao masculino.

Em outra perspectiva, Câmara Jr. (2007) define o masculino como um neutro generalizante e não marcado, podendo expressar os dois gêneros, masculino e neutro, enquanto o feminino é marcado e específico. Defende este autor, ainda, que a marcação de gênero gramatical é inevitável. Assim, inserir a neutralidade exige mudanças na estrutura da língua. Além disso, conclusões equivocadas como acreditar que gênero gramatical se refere ao sexo e que a expressão de gênero se resumem a “a” vs. “o”, sendo feminino e masculino as únicas formas de classificação³.

Nossa pesquisa, portanto, refere-se a um estudo morfossintático e semântico-discursivo acerca do pronome indefinido *todo/s*. Com efeito, observou-se a origem do gênero no latim e como funciona o tratamento desse pronome para as gramáticas normativas, descritivas e funcionalistas.

² O gênero é estritamente identificado com o conjunto de significados que diferenciam homens de mulheres: ativo/passivo, provedor/dona de casa. Já o sexo refere-se aos corpos de homens e mulheres, como fixos, imutáveis e naturais. Souza (2023, p. 1410).

³Pessotto (2019) cita Câmara Jr em seu artigo intitulado “Lingua para todes: Um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no português e a demanda pela linguagem inclusiva”, publicado pela revista *Àrtemis*.

A inquietação de pesquisar sobre o pronome indefinido *todo/s* surgiu durante uma aula de Semântica e Pragmática na Universidade Estadual da Paraíba, na qual discutíamos sobre um cartaz que utilizava não só o pronome neutro *todes*, como também outras palavras como: *alunes*, *convidades*, entre outras. Nesse percurso, pensávamos acerca da redundância em falar ou escrever: *todos*, *todas e todes* e no quanto isso levaria tempo para passar a informação de forma clara e objetiva. Por outro lado, observamos também o porquê de *todas* se referir apenas ao gênero feminino e *todos* aos dois, mesmo que em um determinado espaço tenha apenas uma pessoa do sexo masculino e mil do sexo feminino. A partir disso, questionamos: o pronome indefinido *todos* é mesmo indefinido semanticamente?

Além disso, é notória a falta de informação e conhecimento nas discussões em que se citam os gêneros do latim, questões sexistas e gramaticais para sustentar seus argumentos. Por isso, é de extrema importância pesquisar sobre o que dizem as gramáticas acerca do pronome indefinido *todo/s*, a fim de proporcionar conhecimento para novas discussões que possam surgir nas redes sociais, na escola, em ambientes acadêmicos e na sociedade em geral. Ademais, procura-se auxiliar estudantes de Letras e professores a compreenderem questões de cunho morfossintático, além de se refletir sobre os aspectos de gênero e neutralidade numa perspectiva semântico-discursiva no decorrer da história da língua até os dias atuais com o estudo das gramáticas. Este estudo visa, ademais, incentivar novas pesquisas sobre o assunto, seja na área da linguística, da análise do discurso, ou na literatura.

Dessa forma, este trabalho preocupa-se em examinar e tentar responder ao seguinte questionamento: há neutralidade no pronome indefinido *todo/s*? O que as gramáticas afirmam sobre o uso desse pronome?

Assim, nosso objetivo geral consiste em investigar a visão das diferentes perspectivas gramaticais acerca do uso do pronome indefinido *todos/s*.

Como objetivos específicos, propomos: a) verificar a origem do gênero neutro, bem como suas repercussões no Português Brasileiro; e b) Analisar por que o Português Brasileiro não usa o gênero neutro e as possibilidades de inserção na língua.

Com base nos pressupostos teóricos de Câmara Júnior (2007), Perini (2007) e Basílio (2008), nossa hipótese de pesquisa é de que a neutralidade e indefinição do pronome indefinido *todos* é fundamentada pela organização da língua e estruturada por meio de regras. Desse modo, a inserção de um pronome neutro na gramática não é algo impossível, porém, como afirma Basílio (2008), não podemos também criar e/ou inserir novas palavras na língua toda vez que surgir um novo sentido para tal expressão. Por outro lado, depende também da forma como os falantes do Português Brasileiro utilizam essa linguagem por muito tempo.

Como consequência disto, quanto ao uso da língua, o pronome indefinido *todos* apresenta em diferentes enunciados sentidos variados no processo de comunicação, que vai desde a interpretação da forma masculina até expressões genéricas e indefinidas, que na verdade, semanticamente não ultrapassam a noção de masculino. Portanto, a gramática não dá conta da língua nem dos usos. Primeiro porque são os indivíduos de uma sociedade que constroem a língua, através da interação social. A partir da comunicação é que a gramática é construída, ou seja, antes da normatização devem vir as relações sociais entre falantes.

Com efeito, a metodologia utilizada nesta pesquisa é do tipo descritiva, de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico. Tomamos por base a gramática normativa a partir de Rocha Lima (1999) e Said Ali (1965), autores que apresentam em seus principais objetivos regras sobre o bem falar e escrever, voltados justamente para o uso culto e padrão da língua. Recorremos também à gramática descritiva de Mário Perini (2007), Bechara (1999), Macambira (1997), bem como a gramática funcionalista com a contribuição dos linguistas Matoso Câmara Júnior (2000, 2007), Neves (2000, 2013) e Margarida Basílio (2004, 2008), além de fontes outras secundárias.

Este constitui-se de três seções. A primeira fará um estudo histórico da origem do gênero no latim e a mudança para o português. A segunda, por sua vez, trata da teoria das gramáticas normativas (tradicionais), teorias gramaticais de base descritiva e funcionalista, enfatizando-se como é empregado o pronome indefinido *todos* e as relações semânticas expressas nos enunciados que levam a discutir sobre gênero. Por fim, a terceira refere-se às possibilidades de inserção da linguagem neutra ou até mesmo o pronome neutro na língua.

O estado da arte desta pesquisa consistiu no filtro bibliográfico a partir da plataforma do Google Acadêmico, no qual inserimos as palavras-chave: *linguagem neutra*, *gênero* e *gramática*. Em seguida, filtramos os anos de 2020 a 2024. Dentre os resultados apresentados na busca, selecionamos quatro trabalhos que, de alguma forma, apresenta proximidades temáticas com o objeto de pesquisa. No quadro a seguir discrimino tais resultados:

Quadro 1- Revisão da literatura

Título	Autor	Tipo	Ano
Linguagem neutra: A reestruturação do gênero no português brasileiro frente às mudanças sociais	Larissa Pinheiro	Artigo Tcc	2020
Linguagem neutra: uma análise baseada na teoria dialógica do discurso	Verônica Seidel	Artigo	2021
Da gramática normativa à linguística popular militante: um percurso da linguagem neutra	Silva, Carvalho e Santos	Artigo	2021
Caleidoscópio do gênero: a neutralização através de formas não marcadas no português brasileiro	Lucas Almeida	Monografia	2023

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Nesta compreensão, dos trabalhos catalogados, Almeida (2023), afirma que:

é problematizada a referência neutralizada através do gênero masculino, como o uso de *todos* para se referir a um grupo em que algumas pessoas atendem por pronomes masculinos e outras por pronomes femininos, indicando uma possível motivação sexista por trás desse uso e até mesmo das análises linguísticas que discutem essa forma (Mader; Moura, 2023, p. 62 apud Almeida, 2023, p. 13)

O autor traz em sua pesquisa uma discussão do linguista Camara Junior, em que faz menção ao gênero nas línguas indo-europeias, em que objetos inanimados também se encontravam na categorização de masculino e feminino. Dessa forma, essa distinção entre gêneros só seria possível para seres sexuados⁴. No entanto, ainda assim apresenta fragilidade, uma vez que substantivos de gênero gramatical único como: *o tigre*, *a testemunha*, *a lebre*, *o elefante* apresentam apenas uma forma independente do sexo. Assim, Camara Jr. (1972, p. 130-132 apud Almeida, 2023, p. 20) argumenta que o sexo não pode ser encarado como o princípio universal que guia a categorização de gênero gramatical.

Em relação à neutralização no gênero masculino, Almeida traz em sua pesquisa a ideia dos autores Moura e Mader (2022), os quais afirmam que:

[...] no que se refere às pessoas, a natureza não marcada do masculino não elimina a forte correlação observada entre gênero gramatical e gênero biológico. É difícil não fazer a associação do gênero masculino com traços da masculinidade, mesmo quando se usa o masculino genérico [...] (Moura e Mader, 2022, p. 22 apud Almeida, 2023, p. 31)

⁴ Seres que possuem sexo (masculino e feminino). Disponível em: [Sexuado - Dicio, Dicionário Online de Português](#). Acesso em: 28 de maio de 2024.

A associação do gênero masculino ao uso genérico ocorre quando pronomes e outras palavras são utilizadas na forma de um gênero gramatical, mas em certas ocasiões são empregadas para designar outro. Por exemplo, em *todos os homens*, o pronome indefinido refere-se ao gênero masculino, já em *todos os convidados*, o mesmo pronome assume um caráter genérico, sendo utilizado tanto para o gênero masculino quanto para o feminino. Ou seja, ainda que o termo seja utilizado para se referir a algo genérico e neutralizado, semanticamente carregará traços do masculino, visto que os convidados podem ser todos homens, todas mulheres ou terem muitas mulheres e apenas um homem.

Nesse contexto, Almeida reafirma que “não faz sentido que em uma sala cheia de mulheres, com apenas um homem, a forma de gênero genérico seja ‘todos’. Com base na frequência, a regra intuitiva de dominância levaria à aplicação de gênero feminino”. (Freitag, 2022, p. 61 apud Almeida, 2023, p. 61).

De acordo com Silva et al (2021, p. 143), algumas expressões passaram a ser utilizadas na comunicação como forma de inclusão como “*senhores e senhoras*” e “*todos e todas*”. Com isso, surgem também os opositores desse tipo de inclusão, argumentando que tais discursos ficam redundantes, uma vez que o gênero masculino abarca também o neutro na língua portuguesa, podendo referir-se aos dois gêneros. Nessa ocasião, discutem sobre o conceito de gênero atribuído por Câmara Jr, em que gênero “abrange todos os nomes substantivos portugueses quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas ‘coisas’” (Câmara Jr, [1970], 1999, p. 88 apud Silva et al. 2021, p. 145).

Os autores, Silva et al destacam como se dá a cristalização de uma linguagem tida como “certa” descrita por Mattoso Câmara Jr (2011):

As classes superiores dão-se conta desse fato e tentam preservar os traços linguísticos pelos quais se opõem às classes inferiores. Tais traços são considerados *corretos* se passa a haver um esforço persistente para transmiti-los de geração a geração. Esta atitude cresce em intensidade à medida que o impacto das classes inferiores se torna cada vez maior. O estudo a linguagem surge a fim de conservar-se inalterada a linguagem corretadas classes superiores em seu contato com os outros modos de falar dentro dessa sociedade. É este tipo de estudo que cria o que, tradicionalmente chamamos de gramática. (Câmara Jr, 2011, p. 16 apud Silva et al. 2021, p. 147)

Ou seja, a classe social privilegiada propõe um sistema linguístico que é imposto para as demais, com o intuito de conservar aspectos linguísticos e a padronização da língua, construindo um imaginário em que se pensa que a cultura, linguagem, questões sociais, políticas e até biológicas são homogêneas, quando na verdade não são. Basta pensar na diversidade de sotaques, gírias, variação linguística de cada região do Brasil, classes sociais e de faixa etária para percebermos que essas expressões são inferiorizadas e rotuladas como falares “errados”.

Seidel, tratando das questões de gênero, assim se refere acerca da linguagem neutra:

visa incluir pessoas de diferentes gêneros no uso da língua, indo na contramão de uma divisão binária em masculino e feminino, seja porque o uso de formas genéricas masculinas como “*todos*” excluiria o feminino, seja porque o uso de formas marcadas (“*ela*”/“*ele*”) excluiria quem não se identifica com uma divisão binária de gênero. (Seidel, 2021, p. 2)

A autora analisa o Projeto de Lei n.º 5.385, de 04 de dezembro de 2020, que veda o uso da linguagem neutra na grade curricular e no material didático de instituições de ensino públicas ou privadas na educação básica e superior. A justificativa do documento é a de que não existem outros gêneros além do masculino e feminino, sendo impossível a adesão de formas para um gênero inexistente:

Parágrafo Único – Para efeito desta Lei entende-se por “linguagem neutra”, toda e qualquer forma de modificação do uso da norma culta da Língua Portuguesa e seu conjunto de padrões linguísticos, sejam escritos ou falados com a intenção de anular as diferenças de pronomes de tratamento masculinos e femininos **baseando-se em infinitas possibilidades de gêneros não existentes**, mesmo que venha a receber outra denominação por quem a aplica (BRASIL, 2020c apud Seidel, 2021, p. 6, grifos da autora).

Seidel ressalta, ainda, a mesma relação de poder mencionada pelos autores anteriores. Ademais, discute acerca da evolução da língua e da sociedade, uma vez que mudanças sociais levam também a constantes alterações na língua. Ou seja, se as formas com marcações de gênero empregadas tradicionalmente não dão conta de incluir a realidade da sociedade atual, seria relevante “uma reacentuação desses signos marcada por uma alteração na forma” (Seidel, 2021, p. 12).

Frente às mudanças sociais e uma possível inclusão de uma linguagem neutra no Português Brasileiro, Pinheiro (2020) discorre como é apresentado o gênero no latim, tanto para a gramática normativa como na perspectiva dos linguistas. Faz a distinção entre sexo e gênero: enquanto o primeiro é definido biologicamente, o segundo é socialmente pelo convívio e relações culturais. Em seguida, a autora trata dos papéis de gênero: suas origens, comportamentos da família frente à questão. Questões como: o sexo do bebê, por exemplo, a cor das roupinhas, se vestirão rosa ou azul, e se o brinquedo será carrinho ou boneca. Estes papéis se estendem até padrões de comportamentos, ou seja, é esperado que meninas sejam tranquilas e delicadas enquanto os meninos fortes e competitivos.

Discute, ainda, a autora acerca da inserção de um terceiro gênero: “seria possível optar, ainda que temporariamente, por um gênero neutro, sem as amarras ligadas ao masculino ou ao feminino” (Roweder, 2015, p. 60 apud Pinheiro, 2020, p. 13). Ou seja, seria uma possibilidade um novo gênero para incluir outras pessoas que não se identificam com masculino e feminino.

Outro ponto da pesquisa de Pinheiro (2020) é o problema do uso do masculino genérico, tido como uma “regra” na gramática normativa e que concede o sentido de totalidade ao gênero masculino, como observamos em diversos textos a expressão *homem*, fazendo referência a humano, ou seja, ao que é específico passa a ser genérico em alguns casos.

Diante disso, notamos que nos textos acima mencionados há discussões sobre as questões de gênero e as implicações desses usos no Português Brasileiro, seja para fins de regras como a padronização da língua defendida pela gramática normativa, seja para fins semânticos, em que o sentido do enunciado ultrapassa as regras gramaticais que, ao invés de incluírem, excluem. Para o aprofundamento desse assunto, trataremos mais adiante sobre a origem do gênero no latim e o motivo do gênero neutro ter desaparecido. Ademais, relações de sentido que envolvem questões de gênero para a gramática tradicional e a linguística.

2 ORIGEM HISTÓRICA DO GÊNERO NO LATIM

O latim é uma língua indo-europeia⁵ que se originou onde atualmente é a Itália, na região do Lácio, incluindo a cidade de Roma. Os primeiros registros do uso do latim remontam ao século VII a.C. com o achado de um broche de ouro, escrita em latim arcaico, conhecido por Fíbula Prenestina. Esse documento é considerado o mais antigo escrito em língua latina. O alfabeto do latim é oriundo do alfabeto etrusco e grego, que por sua vez são provenientes do alfabeto fenício. No século VIII a.C. os romanos já falavam o latim e isso se

⁵ Indo-europeia significa uma língua da mesma origem que as línguas orientais.

estendeu até a queda do Império romano em V d.C.. Com o contato que os romanos tiveram com outros povos nas invasões bárbaras, novos hábitos de vida, tempo, influências estrangeiras e o nível social e cultural dos falantes contribuíram para mudanças na língua. Assim, o Latim vulgar (modalidade falada), que já existia foi se modificando a partir da qual, surgiram novas palavras.

Foi a partir do latim vulgar, falado por diversos lugares da Europa até o século IX d.C., que se originaram as línguas românicas. Estas evoluíram e, a partir delas, surgiu o Português e outras línguas como Espanhol, Francês, Italiano, Catalão, provençal, romeno, etc. Entretanto, antes da língua portuguesa propriamente dita, tivemos nesse processo de evolução o galego-português, que foi marcado principalmente após o domínio árabe, no qual, juntos com sírios e berberes, invadiram a península sem a companhia de mulheres. Consequentemente casaram-se com escravas galegas, bascas e hispano-godas, o que influenciou na mistura de línguas e culturas de diferentes povos. Datam do século XIII os primeiros documentos redigidos em galego-português. A partir desse momento inicia-se a fase propriamente histórica da nossa língua. Cunha (1979).

Assim como na Língua Portuguesa, em Latim, as palavras apresentam classes de palavras, variáveis em gênero e número, bem como as invariáveis. Muitos aspectos da língua latina foram preservados, como o sistema de classes de palavras, com exceção do artigo que não existe no Latim. Na língua Latina, há dois números, singular e plural e três gêneros: masculino, feminino e neutro.

As palavras que variam de acordo com o caso⁶ são os substantivos, adjetivos, pronomes e alguns numerais. A ordem dos vocábulos pode ser modificada sem a perda de sentido. Isso porque cada palavra possui uma terminação, e é a desinência⁷ que indica a função sintática. Já em Português não é os sufixos que designam a função, mas a posição das palavras no enunciado. É por isso que utilizamos artigos e preposições para auxiliar na compreensão. Dessa forma, podemos dizer que em latim, “*Caso é morfologia. Função é sintaxe*”. (Garcia, 2000, p. 27, grifos da autora). Ou seja, a forma que a palavra apresenta com uma desinência adequada é a morfologia. E essa desinência indica a função que a palavra exerce na oração (Sintaxe).

No quadro abaixo estão detalhados os casos que existem no latim e as funções expressas por eles, isto é, a terminação ou desinência da palavra indicará o caso e também a função que ela exerce no enunciado. Vejamos a seguir:

Quadro 2- Casos e funções no latim

Casos	Funções
Nominativo	Sujeito, predicativo do sujeito
Vocativo	Chamamento, Apelo
Acusativo	Objeto direto (sem preposição)
Dativo	Objeto indireto (com preposição: a, para)
Ablativo	Adjunto Adverbial (pelo, por)
Genitivo	Adjunto adnominal ou complemento restritivo (de)

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Na figura 1 abaixo das declinações latinas⁸, é possível observar as terminações, identificar os casos, o gênero e a variação de número. Tal procedimento nos auxiliará também

⁶ Caso é a maneira de se escrever em latim a palavra de acordo com a função sintática. Disponível em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Latim/Declina%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 06/06/2024.

⁷ “Morfema que se apõe ao nome ou ao verbo e que serve para indicar o número e o caso dos nomes, e por vezes o gênero, a pessoa e a voz dos verbos”. (CARDOSO, 2003, p. 149).

⁸ As declinações regem a forma como se acrescentam os sufixos às raízes dos substantivos e adjetivos para que concordem gramaticalmente em função do gênero, número e caso dos mesmos. Disponível em: <https://educacao.umcomo.com.br/artigo/quais-sao-as-declinacoes-em-latim-15658.html>. Acesso em: 06/06/2024.

na compreensão do desaparecimento do neutro posteriormente, uma vez que as desinências entre neutro, masculino e feminino em alguns casos são iguais. Vejamos a seguir:

FIGURA 1 – Declinações latinas

CASOS	1ª declinação		2ª declinação						3ª declinação				4ª declinação				5ª declinação		
	Singular	Plural	Singular				Plural		Singular		Plural		Singular		Plural		Singular	Plural	
	+F	+F	+M	M	M	N	M	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	M/F	
Nominativo	A	AE	US	ER	IR	UM	I	A	várias	várias	ES	(I)A	US	U	US	UA	ES	ES	
Genitivo	AE	ARUM	I	I	I	I	ORUM	ORUM	IS	IS	(I)UM	(I)UM	US	US/U	UUM	UUM	EI	ERUM	
Acusativo	AM	AS	UM	UM	UM	UM	OS	A	EM	=NOM	ES	(I)A	UM	U	US	UA	EM	ES	
Dativo	AE	IS	O	O	O	O	IS	IS	I	I	IBUS	IBUS	UI	UI/U	IBUS	IBUS	EI	EBUS	
Ablativo	A	IS	O	O	O	O	IS	IS	I/E	I/E	IBUS	IBUS	U	U	IBUS	IBUS	E	EBUS	
Vocativo	=NOM	=NOM	E/I	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM	=NOM

Fonte: [Latim - Tabela de Declinações - Latim \(passeidireto.com\)](https://latim.passeidireto.com). Acesso em: 06/04/2024.

No quadro abaixo, separamos as palavras da frase e, com auxílio do quadro anterior e da figura 1 podemos observar que a desinência – *us* é nominativo e automaticamente tem função de sujeito. Em *Vitam*, a desinência – *am* é acusativo com função de objeto direto, e assim sucessivamente. Em síntese, esses vocábulos podem estar em qualquer posição no enunciado, sua terminação que indica o caso e a função.

Quadro 3 – Exemplo

<i>Deus vitam hominibus (Deus dá a vida aos homens)</i>			
	Terminação	Caso	Função
Deus	-us	Nominativo	Sujeito
Vitam	-am	Acusativo	Objeto direto
Hominibus	-ibus	Dativo	Objeto indireto

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

O estudo do gênero no latim é fundamental para nossa pesquisa, pois esclarecerá se o *Português Brasileiro* é uma língua que pode apresentar características machistas e se isso vem enraizado desde o momento em que o neutro da língua latina passou a pertencer ao masculino e não ao feminino. Dessa forma, para compreendermos melhor os gêneros no Latim, serão abordados, no subtópico a seguir, a distinção entre masculino, feminino e neutro e como se deu o desaparecimento deste.

2.1 O gênero das palavras em latim

O gênero neutro apresenta os casos nominativo (sujeito), vocativo (apelo) e acusativo (objeto direto) iguais. No singular os três casos têm a forma do nominativo e no plural apresentando a desinência – *a*. Por exemplo, a palavra *templum* no singular, tem terminação em – *um*, idênticos na segunda declinação.

Os neutros, como em todas as declinações, apresentam três casos iguais: nominativo, acusativo e vocativo, sendo que esses casos no plural apresentam a terminação – *ua*, pelo fato de o tema em – *u* ser seguido pela desinência – *a*, característica dos neutros nos três casos iguais no plural. (Garcia, 2000, p. 95)

Para Garcia, os pronomes indefinidos são “propriamente adjetivos e morfologicamente, de fato seguem a declinação dos adjetivos de 1º classe⁹ (em *-us* e *-er*)” (Garcia, 2000, P. 188). É o exemplo de *totus*, *-a*, *-um* que, traduzido, significa todo (= inteiro), esses adjetivos variam em gênero e número com o nome a que se referem.

De acordo com Coutinho (1970, p. 229), no Indo-Europeu¹⁰ pertenciam ao gênero neutro apenas seres inanimados. No entanto, quando esse tronco linguístico (ou família de línguas) evolui para o latim, a separação entre animados e inanimados não acontece da mesma forma, uma vez que esses seres podiam ser considerados também masculinos e femininos devido às terminações das palavras serem iguais. Isso aconteceu porque nos casos nominativo, vocativo e acusativo o neutro possuía a mesma forma do masculino, o que tornava a distinção entre masculino e neutro impossível. Problemas como palavras de gênero duvidoso como *uterus*, *uterum* (útero) apresentavam tanto a forma masculina quanto o neutro.

Outro problema era a distribuição das noções de animado e inanimado, uma vez que objetos e coisas também possuíam o gênero masculino e feminino, como afirma Coutinho. No plural, também havia uma confusão entre neutro e feminino. Dessa forma, o apagamento do neutro é justificado pela contrariedade quanto à oposição semântica entre animado e inanimado, substituindo o gênero natural¹¹ pelo gênero gramatical.

Outro motivo para o desaparecimento do gênero neutro se dá a partir do latim vulgar, onde, na evolução e contato com outras línguas, se perderam os fonemas *-s* e *-m* nos finais das palavras. Assim, “não se pôde mais fazer distinção entre os neutros *templu (m)* e *cornu* e os masculinos *hortu (s)* e *cantu (s)*, uma vez que a única nota diferencial havia desaparecido.” (Coutinho, 1970, p. 230). Com efeito, segundo o autor, a genericidade do neutro se estendeu para o masculino não só pelas questões semânticas dos gêneros, mas por questões de ordem morfológica, já que o tema “u” era semelhante aos dois gêneros.

Cardoso discorre que o gênero masculino em latim usualmente designava seres do sexo masculino, nomes de rios, ventos e mares. Já o gênero feminino para seres femininos e também nomes de árvores, ilhas e cidades. Outras palavras podiam aparecer tanto em uma forma masculina quanto na forma feminina. Um exemplo é a palavra *dies* (dia). Para aquela autora, o neutro não é empregado de maneira lógica, visto que palavras neutras também designam seres sexuados “como *scortum* (prostituta) ou *mancipium* (escravo)” (Cardoso, 2003, p. 29). E o mesmo ocorre para seres assexuados que podem ser designados por palavras, femininas, masculinas ou neutras.

Quanto à flexão de gênero, Cardoso afirma ocorrer de forma acidental, uma vez que alguns substantivos têm formas distintas para masculino e feminino: *homo* e *mulier* (homem e mulher). Outros possuem o mesmo radical para masculino e feminino e o que diferencia é a vogal temática: *filius* e *filia* (filho e filha). “Neste caso pode-se falar em flexão, uma vez que a vogal temática assume um valor de morfema de gênero” (Cardoso, 2003, p. 30).

Há casos, ainda, em que a palavra feminina é derivada do masculino: *rex* e *regina* (rei e rainha). Dessa forma, o fato da palavra terminar em “a” ou “o” não determina ser feminino ou masculino, apenas se a vogal temática indicar o gênero. Além disso, de acordo com Ilari

⁹Aqueles que seguem a primeira e segunda declinações. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/latinorio/31460/adjetivos-da-primeira-classe>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

¹⁰ Consiste nos idiomas presentes no território europeu e em parte do asiático, atestados desde o século XIV a.C. até o século XV d.C. Línguas como sânscrito védico, hitita, grego antigo, tocário, latim, osco, celta e eslavo eclesiástico antigo. Disponível em : [Estudo de línguas mortas e extintas revela histórias e culturas do passado indo-europeu – Jornal da USP](http://www.portaldalinguaportuguesa.org/ion=terminology0). Acesso em: 29 de maio de 2024.

¹¹ Gênero natural é uma Categoria morfológica de gênero em que as unidades referem o sexo de entidades do mundo real. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/ion=terminology0>. Acesso em: 07/06/2024.

(1999) a perda desse gênero deve ter ocorrido justamente por não haver uma distinção sólida entre as palavras masculinas, femininas e neutras.

Os substantivos neutros acabaram geralmente absorvidos pelos masculinos da mesma declinação (cp. port. esp. templ(i)os, com a terminação -os dos acusativos plurais da 2ª declinação); às vezes, houve mudança de declinação, como no caso dos neutros em -us, oris da 3ª declinação, que passaram para a 2ª (pectus, pectoris foi assimilado aos substantivos masculinos da 2ª declinação, daí as formas que essa palavra assume no plural, nas línguas românicas: port. peitos, esp. pechos, fr. ant. pits, it. petti). (Ilari, 1999, p. 92)

No Português Brasileiro e outras línguas românicas, a terminação em *-a* é caracterizada na maioria das vezes como feminino singular, no entanto, no latim essa mesma terminação indicava o nominativo e acusativo dos neutros no plural em todas as declinações. Ou seja, os neutros não só passaram a pertencer ao masculino, como também ao feminino. Sabendo-se, com efeito, que a substituição do gênero natural para o gênero gramatical se deu porque as noções de animado e inanimado não eram suficientes para designar os gêneros das coisas e para melhor compreender as relações de gênero na seção a seguir abordaremos como as gramáticas normativas, descritivas e funcionalistas tratam o indefinido *todos*.

3 TODOS: RELAÇÕES DE SENTIDOS

É comum ouvirmos em discursos, palestras e em outros meios o emprego das formas femininas e masculinas como forma de abarcar todas as pessoas. Entretanto, essas formas não neutralizam o discurso apenas criam uma tensão de equidade entre os gêneros, reforçando a binariedade de gênero. Além de torná-lo mais longo e de difícil compreensão, uma vez que será necessário utilizar masculino e feminino em todas as palavras, oralizadas ou escritas. Vejamos um exemplo a seguir elaborado pela autora desta pesquisa:

(1) Queridos alunos e queridas alunas, informamos que todos e todas estão convidados/convidadas para a confraternização de despedida.

É notório que esse discurso não apresenta tanta clareza e objetividade, o que “tornaria o sistema pouco eficiente, pois sobrecarregaria a memória, além de impedir a comunicação automática” Basílio (2008, p. 10). Aqui a autora fala sobre a expansão do léxico, referindo-se a novas formas. No entanto, serve também para refletimos acerca dessa linguagem que procura incluir, mas que pode na verdade estar excluindo. Devido ao grande número de palavras a informação principal pode passar despercebida ou ser esquecida facilmente, além de levar muito tempo para ser dita. Nessa perspectiva, o léxico não é apenas uma lista de vocábulos que podem ser memorizados e utilizados de qualquer forma, é preciso partir do princípio da economia para que a memória do falante não fique sobrecarregada.

À primeira vista, seria mais viável utilizar a forma genérica do masculino para referir-se a todas as pessoas, já que o masculino não é marcado, como afirma Câmara Jr (2007). Entretanto, por outro lado, há inúmeros casos em que, quando o masculino é utilizado para neutralizar, ainda carrega, semanticamente, traços do masculino.

Nesse sentido, cabe, agora, a investigação das formas e sentidos expressos pelo pronome indefinido *todos* à luz das gramáticas tradicionais, descritivas e funcionalistas.

3.1 O indefinido *todos* para a gramática normativa

É notória a semelhança entre os conceitos estabelecidos pelas gramáticas normativas acerca dos pronomes indefinidos. É definido como palavra relacionada à 3ª pessoa do discurso, expressando sentido vago e indeterminado. Rocha Lima afirma que os pronomes em geral são “vazios de conteúdo semântico, têm significado essencialmente ocasional, determinado pelo conjunta da situação” (Rocha Lima, 1999, p. 110). Morfologicamente, o pronome *todo* pertence à classe das variáveis, flexionando em número e gênero. Sintaticamente segundo o autor, o pronome indefinido *todo* pode vir acompanhado ou não de substantivo. Os pronomes que vêm acompanhados devem concordar em número e gênero com o substantivo.

Assim, de acordo com as gramáticas de Rocha Lima (1999), Said Ali (1965) e Cegalla (1970), o pronome indefinido *todo* pode ser empregado das seguintes formas:

Quadro 4- emprego do indefinido *todos* para a gramática normativa

Teórico	Emprego	Exemplo
Rocha Lima (1999)	Todo com sentido de <i>cada, qualquer</i> , é diferente de <i>todo o</i> , que significa inteiro.	- Lia <i>todo</i> livro que encontrasse. - Li <i>todo</i> o livro. (Cegalla, 1970, p. 409);
	Não se emprega <i>todos os dois, todos os três, todos os oito</i> , mas <i>os dois ou ambos, os três, os oito</i> .	- Mande os oito aqui. (Rocha Lima, 1999, p.338).
	No plural, o artigo é empregado junto ao pronome: <i>todos os, todas as</i> .	- <i>Todos os</i> eleitores se abstiveram de votar.
	Em adjetivo composto, <i>todo</i> não varia.	- Senhores <i>todo-poderosos</i> . - - Vontade <i>todo-poderosa</i> (Rocha Lima, 1999, P. 338)
Said Ali (1965)	Há casos em que o artigo é usado junto ao substantivo e não ao pronome. E outros em que o determinante exclui o artigo	- Os homens são <i>todos</i> assim. - <i>Todas estas</i> rosas murcharam (Said Ali, 1965, p. 196).
	Para Said Ali, o artigo é empregado mesmo que <i>todo</i> tenha sentido de <i>qualquer</i> .	- <i>Todo o</i> homem neste mundo deseja melhorar de lugar (Said Ali, 1965, p.197).
	Todo, apesar de ter valor de qualquer, é seguido de artigo, requerido pelo adjetivo substantivado.	- <i>Todo o preguiçoso</i> gosta de levantar-se tarde (Said Ali, 1965, p.197).
	<i>Todo</i> terá sentido de totalidade quando estiver posposto ao substantivo.	O Brasil <i>todo</i> (ou <i>todo o</i> Brasil) goza de clima ameno (Said Ali, 1965, p. 195).
	Se o <i>todos</i> estiver anteposto a um cardinal, o artigo é suprimido, desde que o substantivo esteja subentendido. No entanto, se o substantivo estiver expresso na frase ou oração o artigo aparece.	- Eu tinha três filhos. <i>Todos</i> três morreram; - <i>Todos os</i> quatro meninos são estudiosos (SAID ALI, 1965, p. 196).
Cegalla (1970)	<i>Todo</i> é advérbio, com sentido de <i>completamente</i> , porém flexiona-se em gênero e número.	- Ele estava <i>todo</i> feliz; - A roupa estava <i>toda</i> molhada (Cegalla. 1970, p. 409).

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

É possível notar que as gramáticas normativas tratam o indefinido *todos* meramente pela forma e estrutura sintática, onde deve estar, quem acompanha e como não deve ser empregado. Não encontramos em nenhuma dessas gramáticas algo relacionado ao sentido que o *todos* expressa nos enunciados.

Nesse sentido, analisaremos no subtópico a seguir como é tratado o pronome nas gramáticas descritivas e funcionalistas e o que os autores dizem sobre os critérios de classificação desse vocábulo.

3.2 Forma e significado: Uma análise do pronome indefinido *Todos* à luz das gramáticas descritivas e funcionalistas

Macambira descreve que toda palavra que puder ser precedida por artigo, pronome adjetivo, pronome demonstrativo ou pronome indefinido pertence à classe do substantivo. Para ele, para o artigo e os pronomes é dado o nome de *function words*, elementos que normalmente pouco ou nada contribuem para a significação, mas ajudam na formação e melhor compreensão do substantivo. Ou seja, apenas em último caso deve-se recorrer ao critério semântico¹² desses elementos:

(...) a significação deve ser usada como simples ponto de referência, somente para fazer a oposição igual/diferente, e não para conceituar esta ou aquela palavra (...); só excepcionalmente e com muita cautela, é que ousamos socorrer-nos do critério semântico como elemento classificatório. (Macambira, 1997, p. 21).

Bechara segue da mesma ideia quanto a significação. Primeiramente o autor conceitua os pronomes como “a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (Bechara, 1999, p. 162). Assim como nos demais, já citados, este autor também descreve o pronome *todo* com variação em gênero e número, com ideia *de cada, qualquer ou inteiro*, podendo referir-se à totalidade ou quantidade e acompanhado ou não de artigo. Para ele, devem ser consideradas as circunstâncias de contexto social, visto que o pronome se refere à 3ª pessoa gramatical (a pessoa indeterminada no discurso). Assim também é o pronome indefinido uma forma vazia, indeterminada que só adquire uma significação pela situação sociocomunicativa, isto é, só terá significação dentro de um enunciado.

Para Perini (2007), por sua vez, as unidades linguísticas apresentam dois aspectos fundamentais, a forma e o significado. Enquanto do ponto de vista formal, é possível analisar questões gramaticais como a fonética e fonologia, composição morfológica, formação e derivação da palavra, classe de palavra que a palavra pertence, a função sintática, entre outras características. No aspecto semântico (significado), pode-se refletir sobre o sentido, se é um objeto, uma pessoa, o que faz, qual a função, é grande, pequeno, tem um ou mais de um. Para o autor, esses aspectos devem ser separados na descrição, pelo fato de a relação entre um e outro ser de extrema complexibilidade. Assim, a análise é feita separadamente e só depois são postas em confronto. Veja os exemplos a seguir, nos quais, podemos comprovar a importância de separar na análise o sentido da forma:

- (1) Joanita plantou jerimum no jardim. (Perini, 2007, p. 39)
- (2) Nós plantamos jerimum no jardim. (Perini, 2007, p. 39)

Em (1) ao analisarmos o aspecto formal, descreveremos o seguinte: *plantou* é um verbo que tem terminação em *-ou*, que concorda com o sujeito *Joanita*; um substantivo próprio que se refere à terceira pessoa do singular. Já em (2) a forma do verbo mudou porque o sujeito agora ocupa outra forma, uma 1ª pessoa do plural. Por isso, o verbo também muda, porque deve concordar com o sujeito da oração.

No aspecto semântico, é possível observar que em (1) *Joanita* se refere a uma pessoa no sexo feminino, e em (2) temos várias pessoas. Se tivéssemos, por exemplo, o sujeito *João*, seria uma pessoa do sexo masculino. Notamos ainda que o verbo *plantou* exprime uma ação, e *Joanita* exprime a pessoa que praticou essa ação (agente da ação). Veja que só pelo aspecto semântico sabemos quem praticou a ação e que ação foi essa. Dessa forma, como afirma Perini é possível descrever os dois aspectos separadamente, porém “é igualmente importante

¹² Significado, de maneira geral, que um vocábulo apresenta. Disponível em: <https://pvscampos.wordpress.com/classes-de-palavras/>. Acesso em: 07/06/2024.

colocá-los em correlação” (Perini 2007, p. 39). Nessa afirmação caracterizamos semanticamente o sujeito como agente, ou seja, aquele que pratica a ação, assim “agente” seria parte do conceito o de sujeito, e todo sujeito expressaria uma ação. No entanto, essa definição não se aplica a todos enunciados, primeiro porque existem “verbos que não exprimem ação (morrer, amar, ser, parecer etc.)” (Perini, 2007, p. 40) e segundo, que existem verbos de ação em que o sujeito não é agente, ou seja não pratica a ação, mas a recebem. Vejamos o exemplo:

(3) Eu apanhei de Joanita. (Perini, 2007, p. 40)

Nessa oração o sujeito é *Eu*. Entretanto a ação do verbo *apanhei* não foi praticada pelo sujeito, mas sim pela palavra *Joanita* que nesse caso não é sujeito. Por isso deve-se analisar os aspectos separadamente, evitando uma definição equivocada dos termos.

Quanto às funções sintáticas do pronome *todos*, o autor evidencia que o pronome pode atuar como predeterminante, um componente externo ao sintagma nominal, porque, diferente dos outros elementos do SN, o *todos* pode ser deslocado para outras posições. Vejamos os exemplos a seguir retirados de (Perini, 2007, p. 108-109)

- (4) Todos os crocodilos gostam de frango
- (5) Os crocodilos gostam todos de frango
- (6) Os motoristas estão todos votando pela greve
- (7) Os motoristas estão votando todos pela greve

Em (4), se considerássemos *todos os crocodilos* como um Sintagma Nominal (SN),¹³ teríamos *todos* como o primeiro componente do SN. No entanto, em (5), observamos que há um deslocamento do mesmo termo para depois do núcleo do predicado (NdP)¹⁴, isto é, o Predeterminante (PDet)¹⁵ aparece fora do Sintagma nominal. Em (6) notamos que o PDet se movimenta para depois do auxiliar, podendo aparecer também após o NdP com a presença de um auxiliar, como em (7). Entretanto, essa formulação nem sempre será possível. Vejamos os exemplos a seguir:

- (8) Maria está todos vendendo os móveis. (Perini, 2007, p. 109)
- (9) Os crocodilos fugiram do todos zoológico. (Perini, 2007, p. 110)

Em (8) há uma sentença mal formada, uma vez que não é possível relacionar *todos* a *móveis*, e tampouco a *Maria*. Mesmo não contrariando a estrutura sintática como em (6), não é possível por razões de sentido. Assim, o possível deslocamento feito pelo PDet é determinado por um caráter semântico. Em relação ao caráter sintático, apenas em casos como em (9) em que o PDet se encontra imprópriamente entre os termos oracionais *do zoológico*.

Há ainda outro caso em relação ao SN, que consideraria *todos* como Núcleo do Sintagma Nominal (NSN)¹⁶, vejamos um exemplo:

- (10) Todos desconfiam de Sueli. (Perini, 2007, p. 112)

¹³ O Sintagma Nominal é um grupo de palavras cujo núcleo é um substantivo ou nome. Disponível em: <https://www.sabermas.am.gov.br/-o-sintagma-nominal-55063>. Acesso em: 07/06/2024.

¹⁴ O núcleo do predicado pode ser um verbo, um nome, ou pode ser formado por um verbo e um nome. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/tipos-predicado>. Acesso em: 07/06/2024.

¹⁵ Determinante é o termo que acompanha o substantivo, o predeterminante vem antes do determinante. (Perini 2007).

¹⁶ É a parte mais importante do sintagma, geralmente um substantivo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sintagma-nominal-e-verbal/>. Acesso em: 07/06/2024.

Nesse exemplo, se *todos* for PDet, a oração não teria Sintagma nominal, uma vez que a concordância raramente se dá com algum elemento que não seja um SN. Porém, é notório que *desconfiam* concorda com *todos*. Sendo assim, seria mais lógico admitir a existência de um SN, no qual *todos* teria função de NSN, favorecendo as regras gerais de concordância, em que o verbo concorda com o sujeito. Assim, o *todos* pode desempenhar as funções de PDet e de NSN dependendo de como é posicionado na oração.

“A definição de “pronome” dada nas gramáticas, mesmo quando aplicável, nunca consegue delimitar exatamente o grupo de itens pretendido” (Perini, 2007, p. 329). Um dos conceitos dados é de que o pronome, em geral acompanha ou substitui o substantivo, entretanto, em casos como:

(11) Ela não gosta de quiabo. (Perini, 2007, p. 329)

Suponhamos que o pronome pessoal *ela* está substituindo o substantivo Giselle, e o mesmo pode, sem perda de sentido, ser substituído por *senhora e Gigi*. Vejamos os exemplos a seguir:

(12) Essa *senhora* não gosta de quiabo.

(13) *Gigi* não gosta de quiabo. (Perini, 2007, p. 330)

Os termos *Essa senhora* e *Gigi*, mesmo que substituindo o substantivo, não são considerados “pronomes”:

Por que não chamaríamos *senhora* ou *Gigi* de “pronomes”? Uma resposta que já encontrei foi a de que *Gigi* é um substantivo, logo não poderia ser um pronome; mas essa resposta é circular, porque o que faz de um substantivo um substantivo, e não um pronome, é justamente o fato, alegado, de que não “substitui” coisa nenhuma. (Perini, 2007, p. 330, grifos do autor)

Ou seja, o autor faz uma crítica às gramáticas tradicionais, pelo que determina o conceito de pronome ou substantivo. Isso nos leva a refletir inclusive acerca do indefinido *todos*, visto que, quando empregado na forma genérica, abarcando outros gêneros além do masculino, não consegue também delimitar o grupo, seja ele feminino ou os que não se identificam com a binariedade de gênero, e em alguns casos não fica claro no enunciado a quais grupos a expressão está se referindo, se são homens e mulheres ou apenas homens, por exemplo.

Para a noção de acompanhamento, em que os pronomes acompanham o substantivo temos a mesma situação, vejamos o exemplo de Perini:

(14) Meu velho paletó cinza

Observa-se que as palavras *velho e cinza* acompanham o substantivo *paletó*, mas também não são pronomes. Dessa forma, como afirma Perini, as noções de substituir e acompanhar não definem a classe dos “pronomes”. Isto é, “essa classe não apresenta coerência sintática visível” (Perini, 2007, p. 330). Semanticamente, segundo o autor, a definição se estende a situar as pessoas do discurso no espaço e no tempo, o problema é que nem todos os pronomes se relacionam às pessoas do discurso. Por outro lado, existem palavras que situam seres no espaço e no tempo e não são pronomes, como: *atual, distante*, etc.

Para Câmara Jr (1970), a forma está diretamente ligada ao sentido, e não há como abordar o sentido ou a forma isoladamente. Além disso, ambos devem ser analisados dentro

de um contexto (critério funcional), isto é, a língua não é constituída apenas por uma estrutura, por regras, mas da junção da estrutura mais a função e sentido que ela exerce:

Há, em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença. (Câmara Jr. 1970, p. 44).

Efetivamente, a língua é sinônimo de interação social, por meio da qual os interlocutores trocam informações, constroem diversos sentidos e significados e conseqüentemente, com o passar do tempo, aperfeiçoam as maneiras de se comunicarem. E não estamos deixando a gramática, a estrutura e a regra de lado, afinal defendemos aqui que não há escrita ou oralidade sem gramática (forma), mas que a forma não deve excluir o sentido e o contexto. Sendo assim, propomos no subtópico a seguir uma análise do emprego do todos na perspectiva de Neves (2000).

3.3 Emprego do pronome indefinido *todo/s* na Gramática de usos de Neves

De acordo com Neves (2000) o pronome indefinido *todo* é variável e tem flexão de gênero e número. Porém não têm a função semântica de retomar o que foi dito, isto é, são palavras não-fóricas¹⁷. Além disso, ele pode indicar inteiramente ou totalidade e pode ser utilizado anteposto ou posposto a um substantivo. Vejamos os exemplos a seguir:

(15) Pensei *todo* o dia em Maria. (Neves, 2000, p. 537, grifos da autora).

Nesse exemplo, o *Todo* indica inteiro, pois é possível substituí-lo por “dia inteiro” e está anteposto ao substantivo dia.

(16) A cidade *toda* recebe luz elétrica de uma usina. (Neves, 2000, p. 537, grifos da autora).

Nesse outro, *toda* indica totalidade, isto é, “toda a cidade” e está posposto a um substantivo.

Neves (2000) argumenta acerca da regra da gramática normativa que condena o uso do artigo definido junto ao pronome indefinido *todo*, quando este está anteposto, no singular, com sentido de *qualquer*, entretanto, de acordo com a autora, o artigo pode aparecer. Vejamos o exemplo a seguir:

(17) Tento sempre me fazer notar e ficar aberta a *todo* o tipo de trabalho. (Neves, 2000, p. 546, grifos da autora)

Pode-se ainda utilizar a expressão mais explícita, *todo e qualquer*. Vejamos um exemplo:

(18) Quando as duas ondas opostas se chocam no ar, *todo e qualquer* barulho desaparece. (Neves, 2000, p. 546, grifos da autora)

¹⁷ São palavras que não têm a função semântica de retomar o que foi dito. (Neves, 2000)

O pronome indefinido em questão aparece na “expressão *todo mundo/ todo o mundo*, em referência a todas as pessoas do mundo, ou de um grupo, ou, ainda, a um grande número de pessoas” (Neves, 2000, p. 547, grifos da autora). Vejamos os exemplos a seguir:

- (19) Mãe, manda *todo mundo* embora. (Neves, 2000, p. 547, grifos da autora)
 (20) *todo o mundo* sabe, Santos, que boatos não têm procedência conhecida. (Neves, 2000, p. 547, grifos da autora)

A gramática normativa condena a presença do artigo definido antes do substantivo e junto ao pronome indefinido *todo*, quando este está no singular, no entanto, para Neves (2000) esse emprego é ocorrente. Vejamos um exemplo:

- (21) O Fundo Naval, administrado pelo Ministério da Marinha, tem entre suas finalidades a compra de material de *toda a espécie*. (Neves, 2000, p. 548, grifos da autora)

De acordo com Neves (2000), quando *todos* for núcleo do sintagma, faz referência à todas as pessoas no geral ou a pessoas determinadas. Vejamos a seguir:

- (22) A educação é um direito de *todos* quantos possam pagá-la. (Neves, 2000, p. 551, grifos da autora).

Nesse exemplo, o indefinido *todos* faz referência a todas as pessoas, com sentido genérico.

- (23) Espere um pouco... Vou ver se *todos* estão dormindo. (Neves, 2000, p. 551, grifos da autora).

Aqui, *todos* faz referência a um determinado grupo de pessoas. Nesse caso especifica que são “*todos os que estão dormindo*”.

Observa-se que há diversos valores atribuídos à indefinição dos pronomes *todos/todas*, dentre os quais destacamos o marcador de totalidade, quantidade, genericidade e especificidade. Não encontramos nas gramáticas discussões e/ou reflexões diretamente ligadas a questões de gênero, nem tampouco explicações relacionadas às noções de determinação e indeterminação dos pronomes. Acreditamos que essas questões ultrapassam as normas gramaticais, sendo possível notá-las apenas em contextos enunciativos, em que existe um sujeito enunciador e os receptores, isto é, o lugar de quem fala, para quem fala e como usam essa língua. Existe uma abordagem de Cunha e Tavares (2007), na qual é considerada o contexto da enunciação. Vejamos:

[...] atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação [...] está sempre entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas estão engajadas (Furtado da Cunha e Tavares, 2007, p. 14).

Ou seja, a língua é muito mais que uma forma e uma estrutura, são relações sociais, de contexto e sujeitos que interagem entre si. É nas situações comunicativas que ela se torna

efetiva, são os indivíduos de uma sociedade que a constroem, e é nesse mesmo espaço que consequentemente a gramática é constituída.

Nesse tópico discutimos as formas e significados que envolvem os pronomes e principalmente o indefinido *todos*. Entretanto, as questões de gênero têm pouco ou nenhum espaço nas gramáticas, resumindo-se à reflexão entre formas e sentidos. Assim, na próxima seção veremos as possibilidades da inserção de um novo gênero na língua e o que a linguística afirma sobre.

4 POSSIBILIDADES DA INSERÇÃO DE UM NOVO GÊNERO NA ESTRUTURA E USOS DA LÍNGUA

4.1 O gênero para a Linguística

Conforme Câmara Júnior (2007, p. 88), há uma confusão na flexão de gênero posta pelas gramáticas tradicionais. Primeiro porque associam o gênero das palavras ao sexo dos seres e a segunda porque é dito em alguns casos que o gênero abrange todos os seres, sejam eles providos de sexo ou não, porém em outros casos o gênero do nome não cabe ao sexo e é quando utilizam a flexão para indicar o sexo. Vejamos:

Tal interpretação, a única objetiva e coerentemente certa, se estende aos casos em que um sufixo derivacional se restringe a um substantivo em determinado gênero, e outro sufixo, ou a ausência de sufixo, em forma nominal não-derivada, só se aplica ao mesmo substantivo em outro gênero. (Câmara Jr, 2007, p. 89).

Isso significa que palavras que apresentam um sufixo derivacional e não de flexão de gênero, pela questão semântica é confundido com sexo. Outro exemplo que o autor coloca é a palavra *testemunha* que é sempre considerada como feminina, mesmo quando faz referência ao homem, e *cônjuge* considerado masculino, ainda que no enunciado esteja tratando de uma mulher. Para o autor, o masculino é a forma não marcada, enquanto o feminino é marcado. Isso acontece porque em palavras com morfema zero¹⁸ como em *ursos*, podemos interpretar que há apenas machos ou que existem machos e fêmeas. Nesse último caso teria sentido neutro, o que não acontece com *ursas*, visto que só é possível aplicar a forma para fêmeas, portanto é marcada.

Há também palavras que não têm nenhuma relação com gênero ou sexo. Esses vocábulos são marcados apenas por vogais temáticas¹⁹ como em *mal(a)*, *tet(o)* e *pent(e)* e não por uma desinência. Essas questões implicam na diferenciação semântica entre gênero e classe temática²⁰ pelos falantes da língua, acreditando que a terminação em *-a* sempre resultará em palavras de gênero feminino, e as terminadas em *-o*, masculinas.

Dado o exposto, para compreendermos agora, a dinâmica da língua e a possibilidade de uma expansão do léxico na Língua Portuguesa, discutiremos no próximo subtópico questões ligadas aos usos da língua e sua estrutura formal.

4.2 A língua é mutável

¹⁸ O morfema zero consiste na ausência de uma marca de oposição em relação a outro termo marcado (Câmara Júnior, 2007).

¹⁹ A vogal temática é “um formativo que expande a raiz para a constituição do tema, a base para as marcas flexionais.” (Rosa, 2011, p. 128).

²⁰ É uma tipologia nominal que envolve palavras que são fechadas por vogais temáticas. (Rosa, 2011)

De acordo com Cunha (2013), a língua é um aglomerado de formas ativas que se adaptam à situação de uso, na qual devem ser considerados o funcionamento da fala, as situações comunicativas e as variações linguísticas²¹, uma vez que a gramática da língua é:

como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes [...] as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada [...] a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional (Furtado da Cunha, 2013, p. 164).

Nesta perspectiva, a língua está sempre em constantes mudanças, adaptando-se às necessidades dos falantes, ou seja, as gramáticas se modificam a partir dos usos. Portanto, os contextos de usos não devem ser ignorados. Se pensarmos, por exemplo, que o Português brasileiro tem origem da língua portuguesa e herdou inúmeras palavras das línguas indígenas, africanas e outras línguas de origem europeia, é possível ter uma dimensão do quanto a língua modifica-se, e como tais transformações são incluídas nas gramáticas. Assim como o latim se modificou através do contato com outros povos, o Português Brasileiro também não permanece imóvel e continua a se transformar. É importante destacar que para isso é preciso considerar fatores sociais, políticos, culturais e históricos e principalmente o período de tempo que a sociedade utiliza os novos vocábulos. Além disso, há barreiras como a imposição das normas de prestígio, em que as formas faladas pela classe social privilegiada são aceitas e as de grupos sociais inferiorizados não são discutidas.

Diante das mudanças sociais, culturais, políticas e ideológicas, estamos frequentemente produzindo e reproduzindo novos conhecimentos, formas de viver e nos comunicar. Por isso, de acordo com Basílio “precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados” (2008, p. 9). A autora leva em consideração aspectos semânticos e pragmáticos de uso das palavras, já que estes são essenciais para a construção do texto. Por isso que, para compreendermos um determinado texto, é necessário conhecer o léxico da língua, uma vez que este configura uma parte da língua, associando-se às formas e sentidos.

Para a autora existe um léxico externo e um léxico interno: o primeiro se refere a palavras representadas pelos dicionários, e o segundo constituído pelas palavras e formas de que um falante tem conhecimento e por outras que ainda podem ser modificadas ou inseridas no léxico. Entretanto, a expansão desse conjunto de vocábulos é dada através dos processos de formação de palavras: “fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico” (Basílio, 2008, p. 10), o que garante a eficiência da língua em termos de estrutura.

Conforme Basílio o léxico da nossa língua atua como um sistema de classificação e comunicação. Assim, de acordo com as necessidades dos falantes, pode ocorrer a expansão do léxico, que permite a formação e/ou aquisição de novas palavras. No entanto, esse processo não deve se constituir por acréscimos de termos ou significados a cada vez que surgir um novo valor semântico, pois:

²¹ Segundo Cunha (2016), a relação entre estrutura gramatical das línguas e os diversos contextos comunicativos em que são utilizadas, ou seja, a língua é um aglomerado de formas ativas que se adaptam à situação de uso. Disponível em: [O que é variação linguística \(tipos e exemplos\) - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](https://www.todamateria.com.br/o-que-e-variacao-linguistica-tipos-e-exemplos/). Acesso em: 28 de maio de 2024.

isto significaria multiplicar muitas vezes o número de palavras que teríamos como vocabulário básico, e, portanto, tornaria a língua, como sistema de comunicação, muito menos eficiente. Assim, a razão básica de formarmos palavras é a de que seria muito difícil para nossa memória — além de pouco prático — captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em diferentes contextos e situações. (Basílio, 2004, p. 10)

Desse modo, a inclusão da linguagem neutra, típica de um movimento de luta em busca de visibilidade, afirmação e/ou empoderamento de determinadas categorias sociais, parece inovar, mas não traz, a princípio, precedentes de qualquer natureza. Por outro lado, do ponto de vista prático, em termos de uso da língua, poderia impactar, de certa forma, em certas dificuldades como compreensão, clareza e objetividade. Além do mais Pessoto (2019) analisa em sua pesquisa as formas já propostas para a inserção de uma linguagem inclusiva, dentre elas a da vogal “e”:

Palavras masculinas como ‘amigo’ e ‘médico’, que se opõe em gênero a ‘amiga’ e ‘médica’, precisariam ou de uma maneira para adequar a escrita à pronúncia – no caso ‘amigue’ e ‘médique’, com a inserção do dígrafo <gu> para continuar correspondendo à pronúncia oclusiva /g/; ou de uma alteração na pronúncia para favorecer a simplicidade na escrita – passaríamos então a escrever ‘amige’ e ‘médice’, pronunciando de acordo /ami?e/ e /m?dise/. Como a fala precede a escrita, a hipótese mais amigável à aquisição seria a primeira. (Pessoto, 2019, p. 171)

Isso quer dizer que acrescentar qualquer palavra à língua, modifica todo o léxico, desde aspectos morfológicos, fonológicos, sintáticos, estruturais e semânticos, o que interfere diretamente na comunicação, tornando-a pouco eficiente. Por isso:

é importante ter um modo de produzir e analisar formas automaticamente sempre que necessário, mas é igualmente importante que a concretização só se realize em caso de necessidade, já que novas formas correspondem a mais itens a consumir esforço de memória. (Basílio, 2008, p. 11).

Dessa forma, acredita-se que não seja improvável a inserção de um pronome neutro, uma linguagem neutra, ou uma nova marcação de gênero no Português Brasileiro, além de masculino e feminino, porém isso leva tempo e estudo. Pensar que formas de neutralização do Latim ou qualquer outra língua farão sentido se aplicá-las ao Português brasileiro é um equívoco, visto que as línguas se diferenciam em diversos aspectos, sejam eles estruturais ou semânticos. Acredita-se, portanto, que a normatização não acompanha a dinâmica da língua que é fundamentalmente social.

5 CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, analisamos a inserção de uma linguagem neutra no Português Brasileiro e para isso nos detemos em investigar como ocorre o uso do pronome indefinido *todos*, dado pelas gramáticas tradicionais, descritivas e funcionalistas, já que essa é uma das formas mais discutidas quando se fala em linguagem neutra. Dessa forma, para compreender como se dá as questões relacionadas ao gênero das palavras, analisamos questões relacionadas aos gêneros no Latim, e constatamos que o desaparecimento do neutro se deu a partir das semelhanças entre masculino e feminino, fazendo com que palavras que pertenciam ao neutro fossem distribuídas entre os dois e não apenas para o masculino.

Observamos, outrossim, que as formas estão ligadas ao sentido e ao contexto de uso, e embora o pronome indefinido *todos* expresse um caráter de totalidade em relação a pessoas ou coisas, ele não se caracteriza como “neutro”, pois mesmo em contextos genéricos, o

indefinido ainda carregará traços semânticos do gênero masculino. Esse fato responde a nossa problemática levantada no início dessa pesquisa: há neutralidade no pronome indefinido todos? E testemunhamos ao longo desse artigo que não.

Os resultados obtidos demonstram que inserir um novo gênero na língua é um objetivo longe de ser alcançado, uma vez que não se pode acrescentar novas formas toda vez que existir um significado para tais vocábulos, e que a normatização considera fatores sintáticos, e segue uma estrutura na formação de palavras, isto é, não se dá de qualquer forma.

Em outra perspectiva, constatamos que as unidades formais estabelecidas pelas gramáticas são construídas a partir dos usos da língua, ou seja, basta que os falantes passem a utilizar essas novas formas por um longo período de tempo para que as gramáticas possam aderir. Considerando esses aspectos, julgamos que a inserção de uma linguagem neutra não é algo impossível. Além do mais, como já visto, as formas empregadas tradicionalmente pelas gramáticas não dão conta da realidade dos falantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucas Bernades de. **Caleidoscópio do gênero: a neutralização através de formas não marcadas no português brasileiro**. Monografia apresentada para a obtenção do título de Bacharel em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 81 páginas, 2023.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. São Paulo, 1999.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3 ed. São Paulo: contexto, 2008.

CÂMARA JÚNIOR, M. **Estrutura da língua Portuguesa**. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 40ª edição. 2007.

CÂMARA, Jr, M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: vozes, 1970.

CARDOSO, Z. de A. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 2003.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio: MEC. 1979.

FURTADO DA CUNHA, Angélica e TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, Angélica e TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Editora da UFRN, Natal-RN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

- GARCIA, J. M. **Introdução à teoria e prática do latim**. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.
- GARCIA, Janete Melasso. **Introdução e teoria e prática da língua latina**. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- ILARI, R. **Linguística romântica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LICHTENBERG, Sônia. **Usos de indefinidos do português: uma abordagem enunciativa**. Dissertação para obtenção de título de mestre em teorias do texto e do discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Porto Alegre, 243 páginas, agosto de 2001. Loyola, 1999.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A Estrutura Morfo-Sintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico**. São Paulo, Pioneira, 1997.
- MONARETTO, Valéria N. de O.; PIRES, Caroline de C. O que aconteceu com o Gênero neutro Latino? Mudança da Estrutura Morfosintática do Sistema Flexional nominal durante a Dialectação do Latim ao Português Atual. **Mundo Antigo**. V.01, n. 02. 2012. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2012-2/artigo09-2012-2.pdf> acesso em: 07 de maio de 2023.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- ONOFRE, Marília B.; FACUNDES, Leonildes P. A “noção da indefinição” nas abordagens linguísticas. **Traços de linguagem**. v.5, n.1, p. 50-63, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/tracos/article/view/5995/4448> acesso em: 05 de maio de 2023.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. Atica. 4ª edição. São Paulo. 2007.
- PESSOTTO, Ana Lucia. Língua para todos: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no português e a demanda pela linguagem inclusiva. **Revista Ártemis**. Jul-dez, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/41827/29008/126492> acesso em: 04 de maio de 2023
- PINHEIRO, Larissa Roberta Rosa. **Linguagem neutra: A representação do gênero no português brasileiro frente às mudanças sociais**. Trabalho de Conclusão de Curso para o título de licenciada em Letras-Português. Universidade de Brasília. Brasília. 30 páginas. 2020.
- PINILLA, Maria da Aparecida. **Classes de palavras**. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues.
- ROCHA LIMA. Carlos Henrique. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- RODRIGUES, Violeta; DAMASCENO, Gesieny. Estudos Funcionalistas: discurso e gramática. **Revista do programa de pós-graduação em linguística da UFES**. V. 14, n. 28, p. 7-17, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos>. Acesso em: 09 de março de 2024

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SAID ALI, M. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SEIDEL, Verônica Franciele. Linguagem neutra: uma análise baseada na teoria dialógica do discurso. **Revista digital do programa de pós-graduação em Letras da PUCRS**. Porto alegre, v 14, n 4, p. 1-14. 2021.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Livros de Portugal, 1952.

SILVA, Sidnay Fernandes dos Santos; CARVALHO, Lílian Pereira; SANTOS, Guilherme Freitas. Da gramática normativa à linguística popular militante: um percurso da linguagem neutra. **Porto das Letras**. Vol. 07, Nº 4, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/13091/19279>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

SOUZA, Livia Barbosa Pacheco. Os corpos do sistema sexo/gênero: Contribuições teóricas de Judith Butler. **Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**. São Paulo, v.9. n.03. mar. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelos seus cuidados, por ter regado este solo da forma que eu precisei. Recordo das diversas vezes que Deus moldou os dias, as datas e muito mais para que se encaixassem nas minhas necessidades. Coincidências que nunca foram coincidências, mas o cuidado de um pai.

Agradeço aos meus pais, Valdo e Silvânia, pelas noites de sono andando pela casa, tentando fazer com que eu dormisse à noite. Obrigada pela vida, pelos cuidados, pelo amor e educação que me deram e continuam a me dar.

Agradeço ao meu esposo, Jefferson, pelo apoio de sempre, com certeza é meu maior incentivador. Graças à sua dedicação com nossa família é que concluo essa jornada da graduação.

Agradeço ao meu filho, Kauan Victor, de quatro anos, pelos aprendizados da vida, pelo amadurecimento e responsabilidades que me foram atribuídas desde o seu nascimento.

Agradeço ao meu irmão, Mateus, por me fazer praticar minha profissão desde logo cedo, ensinando-me as letras, conteúdos, fazendo leituras e interpretação, da forma mais amável possível.

Agradeço à UEPB pela oportunidade, ao SISU e a todos os envolvidos nesse projeto que é a Universidade pública.

Agradeço ao meu orientador prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega por acolher meu projeto.

Agradeço a banca examinadora e também meus professores durante a graduação, prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão e o prof. Dr. Ricardo Soares da Silva.

Agradeço aos meus colegas de graduação que durante esses anos de convívio contribuíram com leveza e compartilharam muitas ideias, histórias e expectativas: Cíntia, Darkciane, Luciane, Sara, Mateus e tantos outros.

Agradeço a uma amizade cultivada desde o curso de filosofia, minha amiga Cláudia, que é sinônimo de fé e coragem, uma inspiração para qualquer pessoa.